



ARTIGO DE REVISÃO

O FILME “MOONLIGHT: SOB A LUZ DO LUAR” E A RETRATAÇÃO DA AUTODESCOBERTA EM MEIO A VIOLÊNCIA E O ENCLAUSURAMENTO

Ludmila de Azevedo Fogaça¹

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar a pluralidade de violências incrustadas no contexto da sociedade atual, a qual foi construída a partir da segregação e da estratificação social pautadas no sexismo, no racismo e na marginalização de grupos sociais. Nesse sentido, correlaciona-se os tópicos discutidos no artigo à obra *Moonlight: Sob a Luz do Luar* (2016), a fim de esmiuçar os regimes de visualidade utilizados na obra para retratar as problemáticas que são concretas na perspectiva do mundo real. Para tanto, elaborou-se essa pesquisa a partir de uma abordagem qualitativa e de caráter indutivo, exploratório e explicativo, bem como foi fundamentada na correlação de análise de obra audiovisual a um arcabouço bibliográfico alicerçado em autores basilares para o tema, como Wilhelm Reich, Juliana Borges e Cezar Bitencourt. Este artigo contribui para o enriquecimento acadêmico e científico acerca das questões discutidas, ao reforçar ainda mais a importância da discussão de tais temas. Verifica-se a importância de uma análise interseccional acerca das questões de raça, sexualidade e violência, a fim de clarificar o tema e buscar a gênese das adversidades enfrentadas por diversas pessoas em situação de vulnerabilidade.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Sexualidade; Racismo; Pobreza; Violência.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the plurality of violence embedded in the context of today's society, which was built from segregation and social stratification based on sexism, racism and marginalization of social groups. In this sense, the topics discussed in the article are correlated to the work *Moonlight: Sob a Luz do Luar* (2016), in order to scrutinize the regimes of visuality used in the work to portray the problems that are concrete in the perspective of the real world. To do so, this research was developed from a qualitative approach and an inductive, exploratory and explanatory character, and was based on the correlation of analysis of audiovisual work to a bibliographic framework based on basic authors for the theme, such as Wilhelm Reich, Juliana Borges and Cezar Bitencourt. This article contributes to the academic and scientific enrichment of the issues discussed, by further reinforcing the importance of the discussion of such themes. The importance of an intersectional analysis of the issues of race, sexuality and violence is verified, in order to clarify the theme and seek the genesis of the adversities faced by various people in situations of vulnerability.

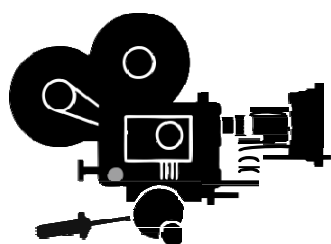
¹ Graduanda em Direito pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Brumado/BA, Brasil. E-mail: ludmila.academico@gmail.com.

Keywords: Intersectionality; Sexuality; Racism; Poverty; Violence.

RESUMEN

Este trabajo pretende analizar la pluralidad de la violencia inserta en el contexto de la sociedad actual, construida a partir de la segregación y estratificación social basada en el sexismo, el racismo y la marginación de los grupos sociales. En este sentido, se correlacionan los temas tratados en el artículo con la obra *Moonlight: Sob a Luz do Luar* (2016), con el fin de escudriñar los regímenes de visualidad utilizados en la obra para retratar los problemas que se concretan en la perspectiva del mundo real. Para ello, esta investigación se desarrolló a partir de un enfoque cualitativo y de carácter inductivo, exploratorio y explicativo, y se basó en la correlación del análisis de la obra audiovisual con un marco bibliográfico basado en autores básicos para el tema, como Wilhelm Reich, Juliana Borges y Cezar Bitencourt. Este artículo contribuye al enriquecimiento académico y científico sobre los temas tratados, al reforzar aún más la importancia de la discusión de dichos temas. Se verifica la importancia de un análisis interseccional de las cuestiones de raza, sexualidad y violencia, para esclarecer el tema y buscar la génesis de las adversidades a las que se enfrentan diversas personas en situación de vulnerabilidad.

Palabras clave: Interseccionalidad; Sexualidad; Racismo; Pobreza; Violencia.



UNEB

UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

DCHT - CAMPUS XIX
Departamento de Ciências
Humanas e Tecnológicas
Camaçari - Bahia

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste em um estudo direcionado à correlacionar a pesquisa bibliográfica realizada aos recursos audiovisuais a partir do filme *Moonlight* (2016), intitulado no Brasil como *Moonlight: Sob a Luz do Luar*. A obra cinematográfica escolhida como objeto de estudo foi grandemente aclamada pela crítica e vencedora de três categorias das oito indicações ao Oscar, além da grande importância de ser um filme com um elenco todo negro. Nessa acepção, a narrativa traz diversas questões sociais tratadas simultaneamente em um só personagem emblemático, Chiron. Ora, a trama explora as dificuldades do protagonista no que concerne a sua identidade, sexualidade, classe e grupo social, ao dividir sua trajetória em três atos: “Little”, “Chiron” e “Black”.

Destarte, dentre os 111 minutos da projeção, demonstra-se o retrato das comunidades periféricas dos subúrbios estadunidenses, as quais são marcadas pelo predomínio da violência e criminalidade, imbricadas com a predominância masculina e suas culturas hierárquicas de dominação e poder. É nesse sentido que esta pesquisa consiste em elucidar as questões que compõem a construção imagética-discursiva em um parâmetro com o mundo e suas realidades cruéis. Por este ângulo, explora-se os temas da marginalização social, da sexualidade e da raça a partir de autores basilares, tais como Cezar Bitencourt, Wilhelm Reich e Juliana Borges.

Diante disso, para a produção do presente artigo, utilizou-se de métodos de pesquisa de abordagem qualitativa e de natureza básica ao expor o tema proposto de forma exploratória, bem como perfaz-se em uma pesquisa de caráter indutivo, analítico e comparativo, a partir de análise cinematográfica. Para mais, o trabalho foi estruturado de forma a facilitar a compreensão do leitor; nesse sentido, a priori faz-se a análise da obra cinematográfica e das principais questões a serem esmiuçadas. Em sequência, expõe-se as problemáticas retratadas no filme a partir da intersecção entre sexualidade e raça, ao construir uma correlação com a realidade brasileira. Por fim, disserta-se acerca da criminalidade como mecanismo de defesa e autoafirmação dentro de relações de poder e violência.



2 ANÁLISE DA OBRA FÍLMICA “MOONLIGHT – SOB À LUZ DO LUAR”

A cinematografia, muitas vezes, exerce um papel essencial na retratação da realidade e de suas problemáticas latentes inerentes ao convívio humano. É nessa perspectiva que se analisa a obra *Moonlight* (2016) – no Brasil, *Moonlight: Sob a Luz do Luar* –, filme de drama estadunidense dirigido por Barry Jenkins, escrito por Jenkins e Tarell Alvin McCraney e baseado na peça *In Moonlight Black Boys Look Blue* de McCraney. O filme remonta o cenário das comunidades periféricas afro-americanas, num contexto de violência constante, de domínio de organizações criminosas e de estruturação do papel da masculinidade como exercício de poder e hierarquia nesse circunspecto. A partir de um ambiente hostil e infectado por um código moral de conduta sobre como se comportar para sobreviver no subúrbio, o filme perpassa questões como sexualidade e autodescoberta na formação da personalidade do personagem principal.

A história circunda a vida de Chiron (Alex Hibbert), ao dividir as fases retratadas em três atos. O ato I, intitulado “Little”, narra a infância de Chiron, criança negra que, com apenas 8 anos de idade, sofre perseguições e violências cometidas por outras crianças de sua comunidade, bem como vivencia a falta de estrutura familiar com a decadência da figura materna, Paula (Naomi Harris), a qual se arruína no vício em crack. A princípio, a obra fílmica traz uma subversão dos valores morais incutidos na sociedade a partir do personagem Juan (Mahershala Ali), traficante de drogas que domina a localidade onde Chiron reside. Em trecho emblemático, o encontro entre os personagens se desenvolve justamente a partir de uma fuga de Chiron após ataques de seus colegas. Encontrado por Juan em um “moquifo” – local utilizado por usuários de drogas para uso das substâncias ilícitas -, como denominado no filme, Chiron possui seu primeiro contato direto com a criminalidade, ao presenciar um ambiente sórdido e marcado pelo abandono.

Ademais, juntamente com sua companheira, Teresa (Janelle Monáe), Juan exerce um papel não somente fraternal para com Chiron, mas também, insurgindo o ideário comum, de apoio moral, psicológico e estrutural familiar, a partir das incógnitas e questionamentos que surgem durante o crescimento do garoto. Desta feita, a construção da relação entre Juan e Chiron se baseia, fundamentalmente, no cuidado e na confiança. Por um lado, Juan – ainda que subsistindo sob a ilegalidade -, exerce um papel equivalente à figura paterna, a qual, até então, apresenta-se ausente na vida de Chiron.



Por outra perspectiva, observa-se o personagem principal envolto em solidão e desamparo, desempenhando responsabilidades visivelmente precoces face à vulnerabilidade de uma criança pobre e negra.

Para mais, diante de uma postura terna e delicada do personagem, são frequentes os trechos do protagonista amedrontado ante agressões e denominações como “frouxo”, tangentes ao seu modo de se comportar. Em que pese a solidude do personagem principal, Chiron também encontra um refúgio, bem como um sustentáculo para suportar os percalços de sua sobrevivência, na figura de Kevin (Jaden Piner), seu único amigo de infância. Dessarte, a obra desenvolve uma relação íntima entre os garotos, a qual, mais tarde, tornar-se-ia a autodescoberta de Chiron acerca de sua homossexualidade.

Na segunda etapa da narrativa, ato II, nomeada “Chiron”, tem-se a fase adolescente do personagem principal. Com a morte precoce de Juan em meio a criminalidade, Chiron (Ashton Sanders) só consegue se refugiar na companhia de Teresa nos momentos atormentadores, a qual verdadeiramente lhe dá aconchego e afeto. Entretanto, em outro contexto, o jovem encontra no seio materno uma relação completamente hostil, ante a extrema degradação da mãe a partir do uso de drogas e da prostituição. As cenas repletas de agressividade e abandono afetivo possuem ainda mais densidade quando analisadas em paralelo com a rotina escolar do garoto. Frequentemente agredido, Chiron vê-se encurralado pela violência e enclausurado por exigências comportamentais às quais ele não se identifica.

Neste período da vida do personagem principal, a complexidade do autoconhecimento acerca da orientação sexual são problemas enfáticos enfrentados por Chiron, uma vez que o adolescente tenta constantemente sobreviver sem se moldar aos padrões comportamentais impostos. Ao analisar um diálogo do ato I, no qual Juan lhe diz que “Uma hora você tem que decidir quem será. Não deixe que decidam por você” (MOONLIGHT, 2016, 19min, 35seg), percebe-se, simbolicamente, a tentativa de resistir aos estereótipos compulsados aos jovens negros em face de suas condições de vulnerabilidade socioeconômica e negligência estatal no cenário suburbano marginalizado.

Nesta senda, como um suspiro de esperança, a trama traz a visão de afeto e liberdade na cena de enlace, à beira mar, entre Kevin (Jharrel Jerome) e Chiron - este último em sua primeira experiência sexual. A partir de então, ao dar lugar à tensão sexual que sempre existira entre os personagens, o protagonista consegue, por um momento, desprender-se da camuflagem a qual estava aprisionado durante toda a narrativa. Diante do exposto, destaca-se a relação simbólica com a praia para Chiron; todas as cenas retratadas nesse ambiente paradisíaco constroem os momentos de confiança e liberdade que o personagem principal dividiu com pessoas que lhe viam como ele era verdadeiramente, em toda a sutileza da projeção. A obra consegue fazer a conexão sobre estar sob a luz do luar à possibilidade de o personagem desnudar-se acerca das nuances de sua mais profunda intimidade.

Para além do exposto, ao colidir totalmente com a cena de amor entre Chiron e Kevin, a narrativa traz uma cena de conflito na escola, em que, a partir de uma das perseguições violentas sofridas pelo personagem principal, o par romântico do protagonista é pressionado a agredir Chiron, cedendo à violência como forma de reafirmar-se e sobreviver perante a hostilidade de seu convívio. Em sequência, Chiron, tomado pela raiva sufocada, decide revidar as violências sofridas e provocadas pelo colega que sempre o agrediu, Terrel (Patrick Decile). A ação tomada pelo protagonista muda por completo a vida do adolescente, o qual acaba preso.

Em sequência, o ato III da obra fílmica, “Black”, inicia-se a partir de um salto temporal na trajetória de Chiron. Agora, atendendo pelo apelido de “Black” (Trevante Rhodes), Chiron, para se proteger, se mascara totalmente na imagem e no comportamento que sempre lhe foram impostos. Dessa forma, após sair do encarceramento, o personagem principal cede ao tráfico de drogas e adota o mesmo estilo de vida de Juan. Isto posto, ao mudar totalmente seu porte físico, vestimenta e atitude, Chiron ainda não consegue mudar aquilo que está recôndito em seu interior: a sensibilidade.

Em síntese, a trama finaliza com o reencontro de Kevin – agora interpretado por André Holland – e Chiron. Por trás da armadura construída pelo protagonista, vê-se, novamente, a personalidade gentil e atenciosa de Chiron, tanto na visita à mãe na clínica de reabilitação, quanto em seus momentos divididos mais uma vez com seu amor de infância. Para mais, em contraposição às escolhas de Chiron, a narrativa traz a figura de Kevin como, também, ex-presidiário – neste caso, devido ao tráfico de drogas -, mas



que, no entanto, ainda que em liberdade condicional, toma outros rumos e torna-se cozinheiro e pai, tentando sobreviver com humildade e liberdade.

Ao fim e ao cabo, com o reencontro do casal, percebe-se o sentimento de culpa de Chiron, mas também de desejo entre os personagens, o que simboliza a possibilidade de recomeço para o protagonista. Conforme é retratado, a obra cinematográfica explora, mais uma vez, a delicadeza e o amor na sua forma mais sutil e genuína, como aquilo que Chiron sempre carregara dentro de si. Dessarte, a narrativa convida o espectador a contemplar a amplitude dos sentimentos sublimes cultivados pelo protagonista, os quais, mesmo envolto à tanta perversidade, subjugação e violência, conseguem sobreviver e ganhar força, demonstrando que nunca é tarde para dar lugar à face doce e afável do ser humano.

3 AS PROBLEMÁTICAS RETRATADAS NA OBRA NO TOCANTE À SEXUALIDADE E RAÇA, ANÁLOGAS À REALIDADE BRASILEIRA

Ao analisar o contexto da obra cinematográfica em estudo sob uma ótica interseccional entre classe, homossexualidade e raça, entende-se que a gênese das decisões de Chiron para assegurar sua sobrevivência em um ambiente de violência parte do encurralamento aos moldes sociais que abominaram toda a sua forma de existência. Tendo em vista a masculinidade e a conduta moral pautada na autoridade do homem hétero e viril, verificam-se os mecanismos de poder não somente alicerçados na supremacia masculina sobre mulheres, como também na tentativa de aniquilação dos comportamentos divergentes do que é imposto como sinônimo de fortaleza entre os homens.

Na narrativa, o personagem de Chiron é desenvolvido a partir da ideia de um homem sensível, com todos os pormenores do seu lado emotivo e sentimental. No entanto, o mundo exterior à Chiron recrudescer sua personalidade a cada ato da obra, dando ao personagem uma máscara fictícia sobre quem ele é e como se identifica. As simbologias presentes nas mudanças na aparência e nos comportamentos do protagonista trazem à tona a questão emblemática da obra: o personagem não o é, mas torna-se aquilo que se espera dele. Conforme é retratado, a solidão e o aspecto reticente e comedido do personagem são fatores intrínsecos à personalidade de Chiron. Diante disso, observa-se a análise de Wilhelm Reich:

No conflito entre impulso e moral, eu e mundo exterior, o organismo psíquico fica obrigado a armar-se tanto contra o impulso quanto contra o

mundo exterior, a tornar-se “frio”. Essa armadura do organismo pressupõe uma restrição mais ou menos ampla de toda a capacidade e atividade vital. Não é demais acentuar que a maioria dos indivíduos sofre sob essa armadura rígida; entre eles e a vida encontra-se um muro. É a base mais importante do isolamento de tantas pessoas em meio à vida coletiva. (REICH, 1982, p. 20).

No que tange ao supracitado, o autor explica que, assim como demonstrado na trama, a repressão de si mesmo – tanto no tocante aos seus desejos retraídos, quanto à submissão do indivíduo à lógica moral estruturante – provoca a morte social do ser humano em seu meio de sobrevivência. Portanto, como mecanismo de intensificar e propagar novos meios de violência a grupos já excluídos e colocados à margem da sociedade, promove-se a conexão da perseguição racial à sexual.

Nesta seara, a respeito da masculinidade implacável e do caráter racista e segregacionista da sociedade historicamente desenvolvida, verifica-se “uma escala hierárquica de valores na qual o grupo aceito socialmente seria o mais próximo do branco, enquanto que o mais desvalorizado seria aquele que se aproxima do negro” (MOURA, 1988 apud SANTOS; SANTOS, 2022, p. 2). Neste enquadramento, ocorre a reverberação do racismo também na intolerância a homossexualidade, baseada no reflexo das violências preestabelecidas.

Destarte, no contexto da criminalidade e da violência presentes na vivência da juventude negra periférica, percebe-se uma forma de estruturação social pautada em novas formas de opressão dentro da própria comunidade, uma vez que, no topo, coloca-se aquele mais semelhante ao que caracteriza o homem branco opressor. Nesse viés, quando a raça não é um mecanismo de diferenciação dentro de uma comunidade, a homossexualidade é vista como arcabouço para a fragilização e violência sobre ao qual é elencado como mais vulnerável socialmente. Conforme explica Veiga,

No processo de desenvolvimento dos garotos negros está colocada, desde sempre, a possibilidade de afirmação e proteção de si pela via da submissão ao modo de vida do sequestrador, no caso, do homem-branco-heterossexual. A masculinidade ocidental que sustenta a lógica violenta do patriarcado é branca. Como não é possível a um homem negro deixar de ser negro, ele negocia a autopreservação e o amor do sequestrador, incorporando seus códigos morais e comportamentais, transformando-se num macho-beta. (VEIGA, 2018, p. 80).

Isto posto, no contexto histórico de tráfico humano e escravidão, houve a atribuição e repercussão de um estereótipo animalesco e fetichizado ao homem negro. Nesse aspecto, com a perspectiva racista elaborada a partir da ótica do colonizador, reproduziu-se na sociedade o ideal de masculinidade dominante e de uma conduta moral

e sexual máscula como manutenção do racismo - o que Santos (2014, p.11) denomina como a “violência simbólica” hodierna. Nesse sentido, ao relacionar o supracitado ao enredo analisado, a obra remonta o reflexo da subjugação racial dentro das próprias comunidades negras, a partir de uma adequação de comportamentos violentos e segregacionistas engendrados em todas as relações e agrupamentos sociais existentes.

Por consequência disso, a objetificação e a violência promovida contra pessoas negras ganham novas facetas e formas de se perpetuar, independentemente de a qual contexto estas estejam inseridas. Nesse viés, sob a ótica da homossexualidade atribuída como característica patológica e imoral, observa-se a violência estrutural se manifestando por meio de “novos regimes sociais de controle de sexualidade” (FABRETTI, MOREIRA, 2018, pp. 70). Dessa forma,

[...] a caracterização da heterossexualidade como expressão natural da sexualidade humana cumpre funções importantes no funcionamento da homofobia. A homofobia implica um esforço incessante de preservação de controles culturais que têm a função de disciplinar os corpos humanos nos diferentes espaços sociais. (FABRETTI, MOREIRA, 2018, pp. 70-71).

Diante disso, a retratação da perseguição à Chiron, desde sua infância até a adolescência, partindo de jovens pertencentes ao seu mesmo grupo e classe social, reflete a repressão sofrida a partir da tentativa do amoldamento do homem negro e homossexual, ainda que isso sufoque toda a identidade latente dentro do indivíduo. À vista do exposto, percebe-se uma coerção em fazer com que haja a reprodução desses discursos opressores e do autojulgamento em detrimento da autodescoberta. Em suma, impulsiona-se a negação de si próprio e a sujeição à lógica estrutural dominante, ao criar um ciclo vicioso de violência e desagregação de uma comunidade já negligenciada.

Para mais, ao analisar o contexto de violência retratado na obra fílmica com a realidade de pessoas negras e LGBTQIA+ no Brasil, observa-se que, infelizmente, os dados são tão desanimadores e desfavoráveis quanto à problemática da narrativa. Numa perspectiva de raça, conforme dados extraídos do Atlas da Violência, em 2019, os negros (soma dos pretos e pardos da classificação do IBGE) fizeram parte de 77% das vítimas de homicídio no Brasil, sendo que a probabilidade de um indivíduo negro ser assassinado é 2,6 vezes superior à chance de isso ocorrer contra uma pessoa não negra. Em síntese, em 2019, a taxa de violência letal contra pessoas negras foi 162% maior que



entre não negras em relação ao ano de 2018 (CERQUEIRA, et al., 2021).

No que tange à orientação sexual e identidade de gênero, ao observar os números de notificações de violências registrados pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) entre 2018 e 2019 (CERQUEIRA, et al., 2021), verificou-se um aumento de 5% nas violências contra homossexuais e 37,1% contra bissexuais. Em relação às pessoas trans, apresentou-se um aumento do valor bruto das notificações de violência física em 5,6%, e 13,5% na psicológica. Nesse circunspecto, enfatiza-se que, de acordo com a pesquisa, 81,8% do total dessas notificações em 2019 se deu a partir de violências contra pessoas assumidamente homossexuais.

Cabe ressaltar que, ao interseccionar os dados retirados do Atlas da Violência no tocante à raça e sexualidade (CERQUEIRA, et al., 2021), 55% das pessoas homossexuais e 54% bissexuais vítimas de violência no Brasil, são negras. Enquanto que, quando se trata de pessoas transsexuais, os dados de violência vão para 58% contra mulheres negras e 60% contra homens negros, tendo ainda 58% de pessoas travestis negras vítimas de violências. Neste enquadramento, é fundamental perceber que, no Brasil, pessoas negras são as maiores vítimas de violências não somente no tocante à população geral, mas também fazem parte de sua maioria quando analisadas sob a perspectiva da orientação sexual e identidade de gênero.

Ao fim e ao cabo, ao fazer uma analogia das violências sobre Chiron ao contexto brasileiro, percebe-se que as problemáticas tratadas se intensificam ainda mais ao traçar um paralelo com a realidade. Isto é, a violência contra pessoas negras no Brasil é significativamente maior em relação a pessoas não negras, e isto permanece latente quando se realiza um recorte referente à cor e sexualidade. Desse modo, a interseccionalidade se torna um parâmetro fundamental para entender as nuances da reverberação do racismo à homofobia e transfobia, haja vista que o contexto de sobrevivência de pessoas negras e LGBTQIA+ é amplamente hostil, principalmente contra aqueles que decidem se libertar dos muros impostos pela sociedade.

4 A FUGA À CRIMINALIDADE COMO MECANISMO DE PODER E AUTOPROTEÇÃO NO CONTEXTO DE VIOLÊNCIA

Haja vista a análise desenvolvida referente à interseccionalidade entre raça e sexualidade, verifica-se quais artifícios são utilizados para promover a reafirmação e demonstração de domínio nas relações sociais dentro do contexto social retratado na

obra cinematográfica. Ao retomar a narrativa como objeto de observação, urge promover discussões acerca das vivências do protagonista na criminalidade como fórmula de legitimar-se dentro de seu convívio social, bem como sobre a sua tentativa de adequação e autoproteção diante das imposições estabelecidas durante toda a sua trajetória.

Dessarte, Chiron, desde a infância, fora excluído do corpo social ao qual estava inserido justamente por não se adequar à concepção de masculinidade e força dentro da sua comunidade. Nesta seara, observa-se o quanto os caminhos da transgressão e delinquência tornam-se mecanismos de defesa e autoafirmação em um cenário sexista, principalmente quando se trata de um contexto de violência e abandono estatal.

De acordo com o enredo analisado, percebe-se que, após adentrar ao âmbito carcerário e experienciar as condições de um recluso dentro do sistema prisional, o personagem principal retorna ao meio social com a total alteração do seu modo de vida, a fim de sobreviver sob os moldes aos quais ele sempre resistira. Neste enquadramento, salienta-se que a prisão, muitas vezes, não exerce a sua função de ressocialização e restauração do encarcerado, o que é objetivado com a finalidade de possibilitar a reinserção do sujeito à sociedade, não mais como peça da criminalidade.

Vale evidenciar que, de acordo com Santos (2020, pp. 437-438), a pena não possui somente as funções de expiar a culpabilidade, de retirar o sujeito do meio social e de intimidar outros criminosos em potencial, mas também objetiva promover uma ação pedagógica para que não haja a recorrência da prática de delitos por parte do indivíduo. No entanto, hodiernamente, a realidade das prisões é totalmente destoante do que se espera, uma vez que se observa altos níveis de criminalidade dentro das entidades carcerárias, bem como significativos índices de reincidência e de potencialização da periculosidade do sujeito encarcerado. Nesse sentido,

Imaginemos um preso novo, inexperiente da prisão, ao nela adentrar. Traumatizado, deslocado, indefeso, transforma-se na vítima de todo mundo: os guardas mantêm-no sob asfixiante vigilância; os internos procuram explorá-lo, de variadas maneiras. O terror das penalidades empurra-o a respeitar as infundáveis normas regulamentares; o pavor das agressões leva-o a se submeter às ameaças, que repontam de todos os lados. Dentro de algum tempo, compreende que ou se adapta à sociedade na qual foi lançado, assumindo um dos papéis sociais disponíveis, ou sofrerá padecimentos insuportáveis. (THOMPSON, 2002, pp. 95-96).



Dado o exposto, depreende-se que, assim como o personagem da narrativa, diversos encarcerados se veem reféns de um sistema que age de forma intensivamente punitivista sobre suas condições de vulnerabilidade como reclusos. No que se refere à obra, Chiron torna-se presidiário após revidar as violências sofridas na conjuntura de sofrimento e violação à sua integridade; no entanto, após adentrar à contextura do sistema penal, o protagonista retorna ao corpo social com tendências criminais ainda mais acentuadas. À vista disso, Thompson (2002, pp. 95-96) traz o conceito de “prisonização”, o que consiste na adaptação do detento à realidade da penitenciária, ou seja, adquire-se as atitudes criminais latentes dentro do contexto carcerário ao desenvolver ainda mais suas pretensões criminosas, em vez de mitigá-las ou neutralizá-las. Em face do exposto,

Considera-se que a prisão, em vez de frear a delinquência, parece estimulá-la, convertendo-se em instrumento que oportuniza toda espécie de desumanidade. Não traz nenhum benefício ao apenado; ao contrário, possibilita toda sorte de vícios e degradações. (BITENCOURT, 2017, p. 124).

Ainda nesse sentido, Bitencourt (2017, pp. 124-125) explica que são diversos os fatores que influenciam diretamente na introdução do encarcerado à subcultura das prisões, os quais são materiais, psicológicos e sociais. Desta forma, dentre os fatores materiais, tem-se a deterioração da saúde, uma vez que os reclusos vivem em condições insalubres a partir da falta de higiene nas prisões, bem como os danos físicos-psíquicos aos presos devido a rotina sem distribuição adequada de tempo para a realização das atividades dentro do cárcere. Já no fator psicológico, o autor salienta a ocorrência da dissimulação da mente, pois a prisão cria uma delinquência capaz de intensificar as tendências criminosas do encarcerado, oriundas dos próprios delitos penitenciários. E por fim, como fator social, Bitencourt (2017) afirma que a segregação provoca uma desadaptação do recluso, o qual adquire muita dificuldade em se reinserir na sociedade.

Ademais, no que concerne à sexualidade reprimida do protagonista em *Moonlight* (2016), tem-se ainda mais a repressão dos desejos e da identidade do personagem principal quando este se encontra num contexto de ex-presidiário. Conforme é retratado na trama, o encarceramento de Chiron transformou totalmente seu modo de viver e seus comportamentos e, ao analisar seu enquadramento ao código de conduta moral e social imposto durante toda a sua trajetória no filme, percebe-se as problemáticas acerca da autoimagem do personagem ainda mais intensificadas na condição de ex-detento, o qual vê-se em completo desamparo social. Nessa perspectiva,



Na prisão os sujeitos enlutam suas antigas identificações e, ao saírem, visando a sua emancipação da condição de presidiário, deveriam enlutar-se das identificações estruturadas no tempo de prisão, contando, para isso, com o apoio da família ou de profissionais, o que nem sempre acontece. A saída, como se dá, não implica necessariamente em um processo de quebra dos laços produzidos pelos sujeitos como o ambiente carcerário. (FILHO, 2012, p. 191).

Ora, nesse sentido, ao evidenciar o fato de que as prisões disciplinares cercam totalmente a sexualidade do preso, bem como resultam em consequências obliteradoras na vida do homem negro que já sofre com a estrutura social racista, percebe-se a motivação do personagem em se refugiar na criminalidade. Prescrutando a gênese da questão emblemática, observa-se que, consoante a Bitencourt (2017), há uma estratificação social nas prisões, isto é, existe “o *status* dentro do sistema social carcerário que permite ao recluso exercer poder [...]” (BITENCOURT, 2017, p. 133), o qual, segundo o autor, só pode ser conquistado por meio da força e da fama. Nesse sentido, trata-se do exercício de poder para dominar os outros detentos, como além de buscar a autopreservação e o respeito de outrem.

Ao partir da perspectiva da obra, Chiron só encontra admiração e aceitação quando se coloca na posição de domínio dentro da criminalidade, ao distorcer toda a sua autoimagem e negligenciar sua identidade. No final da trama, o personagem declara que, depois do episódio que resultou em seu encarceramento, nunca mais deixou que alguém lhe tocasse, o que demonstra o total enclausuramento de Chiron dentro de si mesmo, sufocando todas as particularidades que compunham sua personalidade e seus desejos.

Ademais, além das questões supracitadas, enfatiza-se o fator socioeconômico como determinante na inclinação do personagem à criminalidade, uma vez que a trama retrata a situação de vulnerabilidade financeira familiar de Chiron, além dos incessantes atos de violência e de contato do personagem com as drogas, em todas as suas relações sociais. Nesta seara, é imprescindível relacionar os problemas estruturais iminentes nas comunidades periféricas à viabilidade de muitos jovens a violência e tráfico de drogas - tanto antes, quanto depois de passagens pelas prisões.

À vista disso, ao analisar as circunstâncias e realidades da massa majoritária de encarcerados, identifica-se que, quanto maior a pobreza do meio social ao qual o indivíduo está inserido, maior é a incidência de violência. Diante do abandono estatal e



da marginalização de grupos sociais historicamente subalternizados, tem-se a população carcerária como negra e pobre em sua maioria. Nesse aspecto, ao observar o panorama brasileiro como exemplo, Borges (2018) afirma que, no Brasil, o tráfico de drogas e roubo são os crimes de maiores índices de denúncia e encarceramento, “e os argumentos apresentados não diferem: vulnerabilidades sociais, necessidade de sustento dos filhos e família, desestruturação familiar, violência e abuso doméstico-sexual” (BORGES, 2018, p. 16).

Logo, torna-se nítido que muitas pessoas recorrem à criminalidade como alternativa para sanar a falta do Estado e do subsídio governamental, e isto se dá não somente no cenário brasileiro, mas se estende às realidades globais. Nesse circunspecto, Adorno (2002, p. 108) explica que a violência urbana é uma das maiores expressões da luta de classes entre dominantes e subalternizados. Ora, conforme o exposto pelo autor, o fator da injustiça social torna-se ponto relevante na inserção de trabalhadores ao mundo do crime, uma vez que as raízes da violência estrutural têm seus sustentáculos justamente na pobreza e desamparo.

Porquanto, dado o exposto, é possível depreender que ocorre uma animalização do indivíduo encarcerado, principalmente quando analisadas as questões raciais de segregação presentes em todos os âmbitos da sociedade. Nesse sentido, o caráter significativamente punitivo do sistema prisional revela uma maior desesperança em resgatar pessoas que se sujeitaram à criminalidade e ao sistema hierárquico de opressão como forma de manter sua própria integridade dentro de uma comunidade. Por este ângulo, observa-se, mais uma vez, o quanto a obra cinematográfica esmiuçada consegue elucidar questões sociais, econômicas e raciais acerca das limitações de determinados grupos vulneráveis, os quais necessitam de acolhimento e de oportunidades dentro da estrutura social vigente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que não seja possível esgotar o tema, este artigo objetivou investigar e esmiuçar a importância de se realizar uma análise interseccional para entender a realidade de pessoas pertencentes a minorias raciais, sociais e sexuais, em um só contexto. Ao propor o filme *Moonlight* (2016) como objeto de estudo, o presente trabalho utilizou de meios audiovisuais para refletir sobre as facetas das violências discutidas e a forma como são reproduzidas na sociedade. Nesse circunspecto, a obra cinematográfica demonstra o



quanto um modelo social pautado na opressão e na heteronormatividade é nocivo e exerce um papel fundamental na transgressão do conceito de coletividade do homem.

Como fora discutido e apresentado, as problemáticas retratadas na obra circundam não somente as noções de sexualidade e de confiança, mas também trazem à luz todas as questões concernentes às mazelas econômicas e raciais da sociedade, as quais são decisivas na falta de alternativas a estes grupos sociais. Nesta seara, não se realiza aqui, tão somente, a análise de um obstáculo social a ser solucionado, mas sim, sobre a pluralidade de vulnerabilidades que um indivíduo pode enfrentar dentro de seu convívio social. Nessa perspectiva, é fundamental compreender que, dentro de uma comunidade já subjugada, é possível perceber uma infinidade de relações de opressão e de hierarquia de poder ao transformar a sociedade em uma cadeia de dominação e violência, tanto nas macros quanto nas micro relações.

Em conclusão, o filme *Moonlight* (2016) e o presente artigo elucidam sobre a dificuldade de desvinculação entre criminalidade e pobreza, bem como acerca das poucas possibilidades de ascensão social para determinados grupos vulneráveis. Nesse sentido, os valores sociais e morais de uma sociedade podem se tornar um caminho desviado para alcançar a autoproteção e para a solucionar o complexo de inferioridade gerado pelo engessamento social. Em suma, a discriminação possui degraus em cada espectro da sociedade, e isto é evidente numa perspectiva estrutural, haja vista que os mecanismos de intolerância e sujeição estão sempre se adequando aos diversos contextos sociais, principalmente àqueles em constante apagamento e abandono.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. *In: Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez. 2002. p. 84-135. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86819566005>>. Acesso em: 15 out. 2022.

BITENCOURT, Cezar Roberto. **Falência da pena de prisão - Causas e alternativas**. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

BORGES, Juliana. **O que é encarceramento em massa?** Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.

CERQUEIRA, Daniel; et al. **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.

FABRETTI, Humberto Barrionuevo; MOREIRA, Adilson José. Masculinidade e criminalidade em *Moonlight*: um estudo sobre as relações entre identidade e delinquência. *In: Revista de Direitos e Garantias Fundamentais*, v.19, n.2, p. 43-98.



2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.18759/rdgf.v19i2.1373>>. Acesso em: 15 out. 2022.

FILHO, Milton Júlio de Carvalho. Sujeitos da fronteira. A saída da prisão. *In*: COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; FILHO, Milton Julio de Carvalho (Org.). **Prisões numa abordagem interdisciplinar**. Salvador - BA: EDUFBA, 2012. pp. 179-195.

MOONLIGHT: Sob a Luz do Luar. Direção de Barry Jenkins. Estados Unidos: A24; PASTEL; Plan B Entertainment, 2016. 1 DVD (111 minutos).

SANTOS, Carolyne Laurie Benicia dos; SANTOS, Manoel Antônio dos. Campanhas, letrados, luz de polícia: sobre ser negro, gay e filho de família inter-racial. *In*: **Psicologia & Sociedade**, 34, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2022v34246174>>. Acesso em: 10 out. 2022.

SANTOS, Daniel dos. Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica. *In*: **Universitas Humanas**, Brasília, v. 11, n.1, p. 7-20, jan/jun. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.5102/univhum.v11i1.2923>>. Acesso em: 12 out. 2022.

SANTOS, Juarez Cirino dos. **Direito penal**: parte geral. 9.ed. rev. atual e ampl. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020.

THOMPSON, Augusto. **A Questão Penitenciária**. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

REICH, Wilhelm. **Revolução sexual**. 8 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A. 1982.

VEIGA, Lucas Motta. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. *In*: **Revista Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 12; n. 01. 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5176>>. Acesso em: 20 out. 2022.